

O HERALDO

Director, proprietario e administrador **JOSE MARIA DOS SANTOS** ANTIGO "JORNAL DE ANUNCIOS" Redacção, administração, composição e impressão **TYPOGRAPHIA BUROCRATICA**
 RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3 RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

REGENERADORES

Em que péze ás santas alminhas que julgavam vêr no proximo sufragio da chefia o motivo para um completo descalabro no forte e disciplinado partido regenerador, temos de dizer que esse proximo acto eleitoral, já marcado para sabbado da corrente semana, se constituirá n'uma eloquente demonstração da mais firme e voluntariosa cohesão partidaria, sendo muito provavel que nem uma só divergencia tire a esse acto a alta significação que todos pretendem dar-lhe e que é a de mostrar com evidencia que n'aquelle partido tudo e todos se sacrificam pela mais estreita união e respeitosa disciplina. Como duas fossem as candidaturas apresentadas para o logar eminente de chefe que a morte abrupta e desastrada de Hintze R beiro fez vagar no tradicional partido conservador e nenhuma d'ellas trouxesse a recommendação officiosa do partido, todos os regeneradores julgaram livre o seu direito de preferencia a qualquer dos candidatos apresentados, sem que essa preferencia constituísse, por forma alguma, um ataque á integridade partidaria. E como assim succedesse, manifestando-se divergencias na escolha, certos novelleiros politicos, já de sobra conhecidos na intriganagem artilosa, entraram de espalhar que aquella divergencia na escolha do chefe provocaria uma funda scisão no partido e acrescentavam como prova irrecusavel para esse annuciado rompimento a tenacidade e dedicacão com que cada um dos candidatos era defendido pelos elementos que, respectivamente, o apoiavam.

Não viram aquelles decantados novelleiros de má sorte que a franquesa com que se manifestavam essas opiniões não implicava a renuncia de acatamento áquelle dos dois candidatos que a maioria de sufragio elegesse chefe, pois era vontade dos regeneradores que essa lucta leal e desassombada não fosse mais alem do que devia ir e parasse decisivamente no ponto em que podesse representar uma ameaça para a união do partido, união que é o mais solido esteio da sua existencia.

Mas nem sequer, felizmente, a lucta chegou a esse ponto. Congraçadas as opiniões divergentes por um accordo honroso estabelecido em successivas conferencias ultimamente realizadas entre os dois candidatos, a eleição do chefe vai ser feita por aclamação e o partido regenerador, firme e unido como sempre, estará de novo preparado para seguir a sua missão historica e prestar a este paiz serviços de que elle tanto precisa para que quanto antes se readquiram o credito, prestigio e socego que desde ha muito nos faltam.

Edepostas assim as armas n'uma lucta a que [tambem haviamos da-

do o nosso humilde contingente, é com prazer que registamos a solução honrosa que unificou no partido as opiniões divergentes sobre a chefia, accordo que não deixou vencidos, pois a todos se respeitara o logar que no partido lhe compete pelo que o mesmo partido lhes deve de trabalho, de sacrificio e de gloria.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

ECHOS

Pela leitura dos echos que se lhe referiram, o nosso confrade de Villa Real de Santo Antonio achou nos de má catadura a semana passada e até chegou á gentileza de nos aconselhar aguas de Vidago por julgar n'essa má catadura pronuncios d'algum desarranjo na fidadeira. Agradecemos o conselho, mas temos a satisfação de dizer ao collega que temos um figado de primeirissima, e que se alguma cousa de azedo transpareceu n'essas locaes não foi, pode crelo, effeito de padecimento nosso mas talvez suggestão das declarações ultimamente feitas pelos srs. Augusto José da Cunha e Antonio Cabral, declarações em que os illustres marechaes progressistas se mostram agora de muito mau figado e cuja leitura tinhamos acabado de fazer minutos antes de escrevermos as nossas locaes do numero passado.

Teve hontem n'esta cidade uma larga conferencia politica com o sr. dr. Matheus Teixeira d'Azevedo, o prestigioso chefe do partido regenerador em Villa do Bispo, sr. José Cardoso, pae do nosso estimavel amigo sr. dr. Ernesto Cardoso.

Mal empregado trabalho que tivemos em explicar ao *Guadiana* o que significava a lista publicada no *Seculo* com os nomes de varios elementos regeneradores que apoiavam a candidatura do sr. conselheiro Teixeira de Sousa. Explícamos-lhe *tim tim por tim tim* que n'aquelle lista havia apenas a preocupação de *qualidade* e não de *quantidade* e que por isso os nomes que lá figuravam eram apenas os de cathogoria representativa, excepto, é claro, um ou outro nome de regenerador que apesar de não ter essa cathogoria desejava tornar publica a sua simphathia por aquelle honrado estadista; pois apesar de todas essas explicações o *Guadiana* ficou como estava antes ou peor um pouco, visto que até foi encontrar na nossa local uma affirmacão que nunca fizemos. A qual affirmacão, postá nos nossos labios pela opinião do nosso estimavel collega, é a seguinte:

...E como pela affirmacão do *Heraldo* todos os votantes da relação do *Seculo* constituem os centros...

Ora aqui fica já promettida uma boa ceira de figos cheios, para a proxima festa dos Santos, se o *Guadiana* nos provar termos feito tal affirmacão.

Está prorogado até 10 de outubro o prazo para a troca das notas de 2500 réis nas Thesourarias da Séde do Banco de Portugal em Lisboa, da Caixa Filial no Porto e

das agencias do Banco nas capitães dos districtos.

Depois d'esse prazo só poderão ser trocadas na séde do Banco, em Lisboa.

Do nosso amigo sr. capitão Joaquim Mendes Cabeçadas, recebemos a seguinte carta, de que nos pede a publicação:

III.º e Ex.º Sr. Redactor: Tendo lido no «Herald» de 29 do corrente uma carta do sr. João Rodrigues Aragão, com referencia á minha inserta no «Districto de Faro» 26 d'este mez, apresso-me a restabelecer a verdade dos factos, propositadamente adulterada na primeira das alludidas cartas.

Repito: não assignei a mensagem ao sr. conselheiro Teixeira de Souza, nem auctorisei a minha assignatura para tal fim.

Quando o sr. Aragão me convidou a assignar esse documento, perguntei-lhe qual era o opinião do sr. commendador Ferreira Netto sobre o assumpto. Respondeu-me, acabando por dizer que o sr. Netto não apoiava a candidatura do sr. Teixeira de Souza; em vista do que, repliquei que, sendo caso para ponderar muito, não assignava, como effectivamente, não assignei a mensagem, que naquillo acto o sr. Aragão tirou do bolso e para que podia a minha assignatura Logo em seguida, conversando eu com os srs. João Martins Ramos, Bartholomeu Augusto Pessanha de Mendonça e José Antonio Faísca Mimoso, frisei a imprudencia de se fazer tal manifestação, provocando assim mais seiões no partido regenerador.

Agradecendo desde já a publicação destas linhas, continuo a subscrever-me.

De V., etc.
Loulé, 30-9-1907.

Joaquim Mendes Cabeçadas.

Sobre a assumpto d'esta carta, que já veio tambem publicada no *Districto de Faro*, escreve-nos o nosso amigo sr. João Rodrigues Aragão.

Meu caro Santos:

Acerca da carta que hoje o sr. Cabeçadas publica no «Districto de Faro», sómente direi: A quem deturpa e altera de tal modo os factos passados, não devo nem quero responder. Fecharéi este repugnante incidente lançando sobre elle um borrão.

De V., etc.
Faro, 4-10-1907.

João Rodrigues Aragão.

Os *Ridiculos*, jornal bi-semanario alfacinha que ha pouco mereceu as iras dictatorias e que por isso teve de soffrer a suspensão de trinta dias, reapareceu no dia 28 do corrente, esfusante de pilheria, como se a inactividade d'aquelle periodo de suspensão mais o tivesse refinado na arte de chalacear.

Fez especie ao *Guadiana* que o sr. dr. Matheus d'Azevedo, para dizer aos seus amigos de Villa Real que resolvessem sobre o assumpto da chefia livre e consciencientemente, se desse ao incommodo de ir até lá. Qualquer redactor do *Guadiana*—diz este—em caso semelhante, limitava se a enviar um cartão indicando ser aquelle o seu desejo.

Ora até que emfim estiveram uma vez d'accordo o sr. dr. Matheus d'Azevedo e os redactores do *Guadiana*. O venerando magistrado fez n'este assumpto precisamente o mesmo que faria qualquer redactor do *Guadiana*: enviou um cartão.

Tambem foi, de facto, a Villa Real, mas simplesmente para acompanhar sua interessante filha Maria Isabel que foi passar alguns dias n'aquelle villa com a familia do sr. dr. Marques da Costa. E voltou de novo a Villa Real pelo mesmo motivo de acompanhar sua filha, então de regresso. Nos dois dias em que ali esteve não houve reunião politica de qualidade alguma a que tivesse comparecido o illustre ex-presidente da camera electiva.

Já vê o *Guadiana* como, em certas occasiões até os dedos lhe parecem hospedes.

BALLADA FUNEBRE

A mademoiselle Estella de Lemos

A ballada dos meus sonhos, inspirada ao sol poente, é uma toada dolente, a ballada dos meus sonhos.

Depois, n'uma noite escura que, jamais, hei de olvidar é que me puz a cantar, depois, n'uma noite escura...

No ceo não havia estrellas, era tudo escuridão, como no meu coração, no ceo não havia estrellas...

Affaguei meu bandolim para cantar meus cuidados, ao som d'um dobre a finados affaguei meu bandolim...

Fiz gemer nas cordas suas suspirósas desventuras e uns echos de sepulturas fiz gemer nas cordas suas.

Desprendia o vento ao longe, soluços no arvored, negras sensações de medo desprendia o vento, ao longe...

N'aquelle gemer soturno eu vi minhas illusões transformando-se em visões n'aquelle gemer soturno...

Não sei; ao piar d'um môcho, vi uns olhos, a luzir, se era chorar, se era rir, não sei, ao piar d'um môcho...

Revolveram se os covaes e os Mortos, todos, se ergueram, assim que me conheceram revolveram-se os covaes.

Envoltos em seus sudários todos p'ra mim se chegaram e em tôrno de mim dançaram envoltos em seus sudários.

Em faces esburacadas vi brincar rubro sorriso como esses que idealiso em faces esburacadas...

Ao cávo luzir das órbitas p'los vermes esvasiadas ressôavam gargalhadas ao cávo luzir das órbitas!...

Os Mortos, a rir, a rir, quizeram cantar tambem; mas, apenas, ouvi bem, os Mortos, a rir, a rir...

O seu cantar era pranto, côro amargo de lamentos: todo Dôr, todo tormentos, o seu cantar era pranto.

Nessa tétrica canção feita de risos e ais, havia sons funeraes, nessa tétrica canção!

Deixaram o ar saturado, d'um fétido horripilante, d'um pessimo ar suffocante! Deixaram o ar saturado!...

Assim que rompeu o dia aquelles seres espectraes voltáram aos seus covaes assim que rompeu o dia...

Meu bandolim foi gemendo sua plangente canção; sumiu-se toda a visão... meu bandolim foi gemendo!...

Lyster Franco.

Tratado de pesca entre Portugal e Hespanha

E' a seguinte a representação enviada pelo Compromisso Marítimo d'esta cidade aos altos poderes sobre questões de pesca:

Senhor! A direcção do Compromisso Marítimo Tavirense «Associação de Soccorros Mutuos» no legitimo interesse d'esta Associação, dos seus associados e da classe maritima, em geral, vem perante o Governo de Vossa Magestade pedir a denuncia do tratado entre Portugal e Hespanha, de 27 de março de 1893.

E' geralmente conhecido o menospreso da Hespanha pelas disposições d'este tratado, sendo constante a invasão de barcos de pesca d'aquelle nação dentro das nossas aguas territoriaes; e detidos os infractores e conduzidos com os barcos e redes ao posto mais proximo de Hespanha, ali encontram logo a mais benevola complacencia da parte das respectivas autoridades e tribunaes, tornando-os completamente indifferentes á nossa fiscalisação, que assim se julga inefficaz, pois que os autos de transgressão que d'ellas dimanam com equal indifferença, são considerados pelas autoridades hespanholas, a quem está confiado o julgamento das transgressões dos pescadores seus compatriotas; o que realmente se torna vexatorio para a nossa fiscalisação.

Não se comprehenda já que Portugal accitasse o principio de que o julgamento das transgressões de pesca commetidas nas suas aguas territoriaes por barcos hespanhoes, fosse feita perante os tribunaes do paiz dos infractores, porque tal concessão representava uma derogação do principio de direito internacional, sempre seguido, de que o julgamento dos crimes ou infracções pertence aos tribunaes do paiz onde forem praticadas; mas admitir-se-hia que assim fosse, se a boa fé e o desejo de cumprir as disposições do tratado tivesse sido a norma seguida pelas autoridades hespanhoas.

Assim, pois, espera esta associação, representando a classe maritima d'esta cidade de Tavira, que o Governo de Vossa Magestade, fazendo denunciar o tratado em vigor, diligenciar negociar um novo tratado que, tornando efficaz a nossa fiscalisação, evite se repitam factos eguaes aos ultimamente praticados, e se prohiba que na epoca em que as armações d'atum se acham lançadas na nossa costa, os pescadores hespanhoes não possam vir lançar as suas redes na area das mesmas armações, o que muito tem prejudicado a mesma pesca.

Esta associação, confiada na Vossa protecção, humildemente

Pede a Vossa Magestade a Graça de providenciar em favor da pobre classe maritima.

E. R. M.
Tavira, 8 de setembro de 1907.

A Direcção do Compromisso, Francisco Antonio das Chagas Franco José das Dores Frangolho José da Conceição Ramos José dos Reis Antonio do Nascimento Costa

Dr. Ernesto Cabrita Esteve em Tavira na quarta feira o sr. dr. Ernesto Cabrita, distincto clinico de Portimão.

«O HERALDO» EM PARIS

CARTA DE FARO

Ha bastante tempo que não fallo na producção litteraria em França, parece-me boa occasião agora que acaba de inaugurar-se, no *Grand Palais*, onde teem lugar as exposições annuaes das bellas artes, a chamada Exposição do livro.

Desde já declaro, para os que imaginarem que esta exposição tem alguma importancia, que tudo n'ella é trivial e muito conhecido, com rarissimas excepções.

Como todas as exposições d'este genero que vemos todos os annos em Paris, a do livro não passa d'um grande bazar mais ou menos artistico destinado a fazer reclamo aos editores e empresas jornalisticas, pois na realidade esta exposição pudera chamar-se com mais razão, a exposição do Jornal. Quasi todos os lugares estão occupados pelos diarios de maior circulação ou mais reputados em politica, litteratura ou arte. Não sei quem inventou a phrase graphica de: *isto ha de matar aquillo*, mas digo lhes em verdade que cabe muito bem applica-la ao que está succedendo n'este paiz (e provavelmente em todos os paizes civilisados) pelo que diz respeito á producção do livro nas suas relações com o jornal. E' triste mas devemos confessar-lo: hoje não se leem livros e os poucos que se leem não valem o que custam, eis porque toda a gente lê os diarios. São tão baratos! Quasi de graça!

Mas é preciso distinguir, pois ha diario e diario. Geralmente os jornaes não são muito decentes em quanto á litteratura; alem d'isso dá-se o caso dos jornaes decentes entrarem pouco em casa das familias, isto é das familias em que ha jovens de ambos os sexos que se acham na idade critica da transição e para os quaes são tão faceis as quedas, se as pessoas encarregadas da sua educação não tiverem o maior cuidado. Não quero citar nomes, embora fosse conveniente denunciar certas publicações diarias que envenenam a alma da juventude, d'essa juventude desarmada para o combate da vida e que corre o risco de sahir vencida antes de começar a luta. Essas publicações contudo são muito conhecidas e o peor é que gozam de certa fama simplesmente porque, sendo bem remunerados não desenhavam de escrever n'ellas notaveis e populares escriptores.

Alem d'estes periodicos, pode afirmar-se que as revistas que se publicam em Paris são boas em geral e algumas muito dignas. Como não quero fazer reclamo a nenhuma, abstenho-me de fallar n'quellas que, a meu ver, mais merecem, ser lidas. São estas que papel mais importante representam na Exposição do Livro. E agora vou dizer duas palavras a proposito do livro, do pobre livro que se acha sob a absoluta dominação do omnipotente periodico.

O unico Livro serio agora—fallo do Livro em França—é o que se refere á sciencia, á critica litteraria ou á philosophia, esses livros ainda se podem ler, não são muitos os escriptores de primeira ordem, porque como já disse estes vão morrendo sem serem substituidos, os que existem ainda escrevem bem e com consciencia. Em troca, a novella que é a unica coisa que lê o publico d'aqui e de toda a parte—é pouco moral, tão pouco moral que os editores conhecidos não fazem senão editar de novo obras de bons autores em edições baratas quando querem arranjar boa freguezia entre a gente decente, o que não falta. Os outros editores publicam unicamente livros pornographicos, que espalham pelo mundo inteiro e as traducções são tão asquerosas como os originaes. Com similhantes obras que são uma calamidade e constituem um verdadeiro crime moral, pervertem o cerebro e o coração dos desgraçados que por ingenuidade ou por vicio se entregam aquella leitura. Forçoso é que haja uma reacção litteraria que ponha cobro a estes abusos, se quiserem salvar o pouco bom que ainda tem a nova geração, mãe dos destinos futuros.

Darwin.

No transacto anno lectivo, concluíram o respectivo curso, na escola de ensino normal d'esta cidade, as sr.^{as} Francisca dos Anjos Cabrita d'Almeida, Julia das Dores Fernandes, Generosa da Conceição Sant'Anna, Laurinda de Jesus Bomba, Anna Isaura de Sousa, Dilar Edviges da Silva, Egídia dos Santos Cantinho, Maria Emilia Paraiso, Maria Rita das Dores Silva, Jacintha das Dores Serpa e Maria do Nascimento Neves.

—Com sua familia regressou de Aljezur á sua casa nesta cidade o nosso prezado amigo sr. José de Calazans Duarte, esclarecido secretario da administração d'este concelho e correspondente da folha lisbonense *Diario de Noticias*.

—No mesmo lyceu, na segunda epocha d'exames que na quarta findou, todos os examinandos obtiveram approvação.

—Com sua esposa e filhas partiu na segunda feira para o Estoril, o importante industrial sr. João Antonio Judice Fialho. Tiveram na *gare* uma affectuosa despedida.

—Por fallecimento do seu pae e sogro sr. João Severino Egypto Peres que uma lesão cardiaca victimou domingo ultimo em Olhão, onde residia, estão de luto os nossos amigos srs. dr. Sezinando Arnedo Peres, facultativo do quadro de saúde de S. Thomé e Anzola e Elias Augusto Chaves d'Almeida, inspector dos impostos. O nosso pezame.

—Das praças e dos campos começa o regresso dos que alli haviam ido passar a quadra calma. Registemos: Regressaram: de Braga o drs: Alexandre Franklin Soares e Novaes e Sousa; da Rocha, dr. Vasco Mascarenhas e familia; de Monchique, Lyster Franco e familia; da Armação de Pera, D. Maria Graça e filhos; da Fuzeta, Antonio Gonçalves Bandeira e familia; de Tavira, D. Anna Valadares Pantoja e filha e Joaquim d'Abreu Camacho e esposa; de Albufeira o dr. João Ponce, esposa e filho; de Monchique, Antonio Leal.

Partido republicano

Com o fim de se proceder á eleição da comissão municipal republicana d'esta cidade promoveram os elementos dirigentes d'aquelle partido uma reunião que teve lugar na segunda feira ultima, pelas 7 e meia horas da noite, no predio nobre da Bella Fria. Presidiu o sr. dr. Silvestre Falcão, sendo o seguinte o resultado do acto eleitoral:

Effectivos: Abilio Bandeira, dr. Pires Padinha, Heitor Ramos, Jacques Pessoa e João Parreira. **Substitutos:** Antonio Guimarães, Joaquim Vidigal, José S. Costa, José Tavares e Pedro d'Oliveira.

Aproveitando o ensejo d'essa reunião, que foi publica, o sr. dr. Estevão de Vasconcellos, medico em Villa Real e importante vulto do partido republicano, que ali se encontrava, fez uma conferencia em prol do seu credo politico em que foi, segundo nos dizem, bastante energico, sendo ouvido com agrado.

Brevemente deve haver uma outra reunião promovida pelos elementos do mesmo partido para a eleição das comissões parochiaes.

JOAQUIM PERES MEDICO

Dá consultas diarias em sua casa, na rua da Corredoura, das 12 ás 2 horas da tarde. 115

Noticias de fazenda

Retirou já de Olhão para Évora, onde foi tomar posse do lugar de 3.º official da repartição de fazenda districtal, o sr. Francisco Maria Bento.

—Foi collocado no concelho de Arrayollos o escrivão de fazenda addido sr. José Maria Ludovice, que estava dirigindo a repartição de fazenda de Olhão.

—O escrivão de fazenda de Arrayollos sr. Antonio Maria Ribeiro foi promovido á 2.ª classe, por antiguidade e collocado no concelho de Lagos.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:
Hoje, 6—D. Aurelia d'Andrade, D. Esther Pacheco Tavares.
Segunda, 7—D. Luna Anram, Sezinando Antonio das Chagas Franco.
Terça, 8—D. Maria da Encarnação Medeiros Antunes.
Quarta, 9—D. Julia Tavares Belle, Ventura Jose Tavares.
Quinta, 10—D. Maria Leocadia Palermo Pinto, dr. Primo Frazão.
Sexta, 11—D. Maria Solesio Padinha, Fausto Guedes Teixeira, Bento Gomes Formosinho, Luiz Anibal da Gama Pinto.
Sabbado, 12—Conselheiros José Estevão de Moraes Sarmento e Frederico Ressano Garcia.

Acompanhado de sua esposa partiu na segunda feira para Lisboa o alferes sr. João Eduardo Franco Antunes Centeno.

Na segunda feira regressou de Monte Gordo a Lisboa, com sua esposa e filhos, o engenheiro sr. Arthur Mendes.

Retirou na segunda feira para Mafra, onde foi receber instruções sobre as novas armas que vão ser distribuidas ao exercito, o tenente ajudante de infantaria 4.º sr. Bernardino Pires Franco.

Acompanhado de sua esposa e filhos regressou na terça de Albufeira o sr. Berrêdo Falcão.

Depois d'alguns dias de demora n'esta cidade retiraram na segunda feira para Lisboa o chefe de conservação sr. Miguel Augusto Azevedo Mascarenhas, sua filha D. Maria do Carmo Mascarenhas Azevedo e seu genro sr. João Evangelista Vieira da Motta.

Depois de uma larga digressão pelo barlavento da provincia regressou no domingo a Faro o nosso presado collega sr. Lyster Franco.

Chagou no dia 26 de setembro ultimo a Tanger, vindo de Casa Branca, o sr. Joaquim Fonseca, que no dia immediato retirou d'ali para Gibraltar.

Partiu hontem para Villarta (Hespanha) o sr. general José de Sousa Alves. Foi acompanhado de sua esposa que ali vai fazer uso d'aquellas afamadas aguas.

Com sua familia retirou de Monte Gordo para Lisboa, na quarta feira, o engenheiro sr. Raul Couvreur.

«NOMI-TORI KÓ»

O raro e encantador artista que escreve as deliciosas cartas do Japão para o nosso illustre collega *Commercio do Porto* contra nos com a sua inimitavel graça a seguinte pittoresca scena, que pedimos licença para transcrever:

«Uma impressão da actualidade. Vou especialmente falar de percevejos e de pulgas. Affigura-se-me possivel que os leitores d'estas linhas impetuosamente se revoltam contra o assumpto, julgando ignominioso, desprezível. Não teem razão, porém—permittam-me a franqueza. Estes interessantes parasitas deveriam merecer de nós todos, segundo o meu criterio, mais carinhosas atenções.

Sangue do nosso sangue, carne da nossa carne, não são elles de certo modo nossos parentes mui chegados; bem mais proximos em grau, parece-me, do que a chusma dos primos e do que o bando das priminhas, occupando logar proeminente na arvore genealogica familiar? A enorme deficiencia de meios de observação de que dispomos é causa unica, por certo, de que não possamos distinguir profundas semelhanças de caracter, notaveis phenomenos de hereditariedade, emfim, entre nós mesmos e o parasita, que quasi amamentamos, medrando, durante um anno inteiro, á custa do nosso proprio sangue.

Mas não vos segreda a consciencia que a pulga intima que, por exemplo, sugou o generoso sangue de Victor Hugo, no desterro, haja sido propensa a rasgos de poesia?... E o persevejo, occulto entre a farda chamuscada e o peito heroico de Napoleão I, não terá accusado particulares tendencias aguerridas?... Havendo assim cuidado de redimir do opprobrio as duas tribus de insectos que apontei, entro em materia.

A pulga—*nomi* em linguagem japoneza—é, certamente, um animal indigena no Japão, um aborigene, se o termo é permitido: proliferando admiravelmente neste sólo, graças á amenidade do clima, graças á disposição das casas, graças á maciez appetitosa dos braços das *musumés*, graças, sobretudo, á fôfa esteira, o *latami*, que atapeta

os aposentos, offerecendo commo do abrigo e ninho de conforto a numerosa prole do industrioso insecto.

Já não poderei dizer do persevejo a mesma cousa.

O seu nome japonez é «nankin mushi», isto é, o «bicho de Nanking»; o que está trahindo indiscutivelmente a sua procedencia—de Nanking e de toda China sordida.

O persevejo é, pois, um animal de importação, um emigrante, um residente estranho, como eu, como o leitor se cá vier, como todos os residentes adventicios que habitam este imperio; se tem direito a maiores honras do que nós, serão as de poder gabar se de ter entrado aqui de mistura com a classica civilisação chinesa nas epochas remotas talvez escondido entre as prégas da ampla sotaina de algum bonzo, santo apostolo buddhista.

Resta dizer ainda que, sendo no Japão a pulga pullulante, o persevejo é raro, encontrando-se de preferencia em casas habitadas por chinezes, por excepção em algum lar indigena onde reine o desleixo e a falta de limpeza... Inclue-se no numero o lar do celebre pintor Hokusaje, mestre da escola vulgar e fallecido ha pouco mais de cincoenta annos; de quem resam as chronicas que uma vez recebeu a visita de um delegado do Shôgun, generalissimo do imperio, no acto de catar percevejos do kimono que vestia, torcendo os gravemente entre as pontas do dedo grande e indicador. a

Ora, é na presente quadra, de calores torridos, que a pulga abunda.

Vem então a proposito dizer que por estas noutes calidas de agosto e de setembro—pela meia noute, pela uma hora, pelas duas horas—aos pregões dos vendilhões ambulantes de gelo, de sorvetes e de outras gulodices, e ás plangencias da flauta dos cegos que se dão ao officio da massagem—para consolação dos membros lassoos, dos nipponicos—se mistura o pregão dos vendilhões de pós para matar pulgas.—«Nomi-tori kó! nomi-tori kó!...»—vão elles gritando pelas ruas.

O artigo vende-se tambem nas drogarias, mas pouco procurado dos freguezes.

O caso é interessante, como exemplo da doce imprevidencia, nos actos corriqueiros d'esta gente.

De dia, rindo e lidando, ninguem pensa na pulga.

Mas é pela noute velha que ella se faz lembrada e aborrecida, picando nas carnes, «especialmente detestavel quando penetra dentro do kimono e se põe a saltar de um para o outro, como ha cerca de mil annos escrevia uma dama da corte. Gei Sômagou, no seu espirituoso livro de impressões.

Então a «musumé», após haver soffrido, resignada, quarenta ou cincoenta mordeduras, ergue-se das colchas, somnolenta, em desalinho; e, entreabrindo a portinha do lar, grita ao industrial noctivago:

—«O senhor vendilhão de pós pera matar pulgas, venha cá!...»

OS QUE MORREM

Na noite de 29 de setembro ultimo, pelas 7¼ horas, pouco depois de ter acabado de jantar em casa de seu cunhado o capitão do porto de Villa Real de Santo Antonio sr. Hopper Custodio Xavier Clemente Gomes, a casa de quem viera passar alguns dias, foi atacada por uma congestão cerebral fallecendo instantaneamente o sr. Zeferino Mergulhão Botelho, de 25 annos de idade, empregado do commercio em Lisboa e filho do sr. Julio Candido Botelho e da sr.^a D. Maria José Mergulhão Botelho, d'aquella capital.

O funeral effectuou-se no dia seguinte, sendo muito concorrido. Pegaram ás borlas do caixão os srs. Alfonso Gomes, capitão Barreira, tenente Mascarenhas, Jacintho d'Andrade, Campello e Antonio José Vieira.

SOMATOSE CONTRA A CHLOROSIS

RACIONANDO

Aos que anseiam chegar á Luz pela discussão

A proposito d'uma polemicasiinha que venho sustentando com o sr. Jayme Cunha, o sr. Raul Proença bordou algumas considerações, que parece-me, mereceu-me outras considerações.

Não é o simples prurido de discutir, de evidenciar verdadeiras ou phantasticas contradicções, de «encallixtar» que me impulsiona. Para mim a «Verdade é a Vida»; e que homem veria, sem um impeto de revolta, irem lhe a pouco e pouco, friamente, reflectidamente apagando a Vida?

Da mesma maneira, ao ver enturvar o que julgo a Verdade, sinto fremir no peito, não raiva contra o iconoclasta, que é talvez tão bem intencionado como eu, mas contra o camartello com que percuta sem treguas, contra os erros.

«Uma religião, todos o sabem, não é uma philosophia». Emquanto nesta tudo é discutivel e racional, n'aquella ha asserções que transcendem a nossa acanhada comprehensão. Eu sei que a electricidade do mesmo nome repelle-se, e sei que os corpos se atraem na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distancias, mas, se me perguntarem o «porquê» d'estes factos, respondo, dizendo: não sei. Posso mostral-os, mas explica-l-os satisfactoriamente, é-me impossivel.

A Igreja propõe á minha crença mysterios; e deverei eu, só porque os não comprehendo, sorrir com desdem dessas affirmações que mil outros, incomparavelmente mais sabios que eu, admittem? Hoje não é conveniente, escrevendo para illustrados, apresentar a Religião incompativel com a Sciencia ou com os incontestados direitos da razão pois, quem o não sabe? Newton, Kepler, Pasteur, Ampère. Cuvier, Linneu, Leverrier, Secchi, Copernico, Galileu... foram sinceramente e fervorosamente crentes.

Mas a existencia dum Ente eterno e perfeitoissimo, cinjá no nos á questão, é uma verdade meramente racional. Eu não creio na existencia de Deus; sei que Elle existe. A minha intelligencia é capaz remontan-se sosinha, «per ea que factio sunte» como defeniou o Concilio do Vaticano, até ao ser dos seres.

O sr. Raul Proença tem, verdade, razão, quando affirma o argumento apresentado por S. Anselmo no capitulo 2.º do *Prologium* nada prova; e, se eu n'estivesse piamente convencido de boa fé deste senhor, diria que estava a mangar comigo e com os leitores do *Heraldo*.

Quando se falla de religões, meu caro sr. Raul Proença, toda a cautela é pouca, pois mesmo sem o interesse das congruas, muitos philosopham «á desesperada» como engraçadamente diz Soares. Abra uma dogmatica—o Billot por exemplo, ou uma philosophia bôa, e não se admire, acha ahi refutado o pseudo argumento que v. refutou.

O compendio por onde eu estudei (Elementos de Philosophia por Tiago Simbaldi) prova, a paginas 299 e ss. do segundo volume, que a existencia de Deus não pode ser demonstrada «a—simultaneo», e a seguir passa revista aos argumentos de Sant Anselmo, Descartes e Leibnitz, que são viciosos por deduzirem da ordem ideal a real, por tirarem uma consequencia mais extensa que as premissas. Não é pois novidade para ninguem, que o argumento que apreciou, e apreciou bem, é falso. Pelo que diz respeito a prova tirada do consenso de todos os povos o caso é um tudo nada differente.

Eu sei que o sr. Raul Proença, dizendo que muitos povos não teem verdade «subjectiva». Plinio o moço (Epp. Liv. VII, 26) escreveu: «Na vizinhança da morte, lembra-se o moribundo que é homem, e existem deuses»; e nós vemos a creancinha erguer sem relutancia, naturalmente, as mãos para o ceu e dizer: Pai nosso que estás nos ceos. Estes factos levam-nos á conclusão de que a crença num Deus

a minima noção de Deus, diz uma é natural ao homem, e que deve encontrar-se onde existam homens. Para o provar temos, além duma passagem de Cicero (De Nat. Deor. I, 17): Não existe povo algum por inculto e selvagem que seja, que não tenha fé em Deus, apesar de não conhecer-lhe «a essência» duas de Quatrefages: Obrigado pelo meu ensino a passar revista a todas as raças humanas, procurei o ateísmo, tanto entre os povos mais selvagens como entre os mais civilizados. Não o encontrei em parte alguma, a não ser n'algum individuo de escola muito lemitada, como se viu na Europa no seculo passado, e como se vê ainda no presente: (L'espèce humaine, c. 35, pag. 355, Paris, 1877) e noutro lugar (Reppert, pag. 410) diz: Pouco a pouco fez-se luz, e os povos da Australia e da Malanzeria, os Boschimans, os Otentotes, os Caffres, os Bechuanas, foram illuminados do numero dos povos atheus e reconhecidos como religiosos. Podia documentar mais as minhas palavras, mas julgo não ser preciso, pois «consta» sufficientemente a universalidade da crença num Deus que tudo pode, tudo sabe e tudo dirige.

Aristoteles, baseado neste facto, argumenta assim (Rhetor. I, 13): O que é inherente a essência e universal; tudo o que os homens tem indistinctamente por verdadeiro é «uma verdade natural».

O sr. Raul Proença pode dar ao argumento a força provativa que quizer; para mim vale, aqui muito á puridade, como vale o dizer-se: todos os homens julgaram sempre tal ou qual facto um crime. Logo é o realmente. A demais este argumento é apresentado nas philosophias, que conheço, em ultimo lugar, e entra, juntamente com o de Manuel Rant, no numero das chamadas provas moraes. Não resta pois a minima duvida: o sr. Raul Proença é um atheu «logico» se além dum sophisma (o argumento de Sant' Anselmo) e duma prova tão franquinha, não conhece mais argumentos.

Seneca (não posso agora recordar-me onde) diz: Que se alguém disser que não existe Deus, de noite, a sós com a sua consciencia, reconhecerá que mentiu. Eu não quero collocar a carapuça na cabeça de v.—era grosseria excusada—, mas apenas frisar o que pensava um philosopho pagão, acerca dos *soi disants* atheus...

O sr. Raul Proença, são sei bem como, concluiu do eu escrever «eram miseravelmente» que eu chamára miseráveis aos que, penso, terem-se desencaminhado da Verdade. E' a segunda vez que um meu adversario, interpreta mal as minhas palavras. Elles, sou o primeiro a reconhecê-lo, tem menos culpa do que eu. Contudo todos dizem: cahiu desgraçadamente, cahiu miseravelmente, sem, nem por sonhos, pensarem em in soltar o pobre que escorregou n'uma calçada. Só o Callixto Novato, tem, ao escrever phrases com mesinhas, a negregada intenção de ferir o bom nome de cada um. Valha-me Deus.

Eu, entendamo nos, não quero questões pessoases; mau grado a minha insufficiencia agrada-me a lucta porque luctar é viver, mas é a lucta serena, delicada, direi mesmo —amigavel. As phrases sarcásticas não provam senão a má educação e a pobreza de idéas dos que as empregam.

O sr. Raul Proença pede que lhe demonstrem a existencia de Deus, e eu vou satisfazê-lo, mas, porque os leitores do *Heraldo* já devem estar enfasiados de tantas citações e philosophias, a minha demonstração será uma demonstração *non nova sed nove*.

Não conclua d'aquí (isto é brincadeira) algum crente mais assustado, que sou... modernista. Eu não sei chorar as lagrimas sentidissimas da saudade sobre a memoria das gerações idas, nem anatemisar cathedricamente os «impios» que anceiam chegar a Verdade, discutindo. Mahomet dizia

crê ou morres e a nós diz S. Paulo—que a tua fé seja racional.

Assentemos pois uma de suas bases, demonstrando a existencia de Deus. O sr. Raul Proença responderá como lhe parecer, se lhe parecer que deve responder, e eu irei dizendo tambem... mais algumas coisitas.

O astro que traça, no espaço indefinido, uma orbita immensa, podia muito bem não existir; a flor que inda hontem rebrihava cheia de vida, amanhã é pó e as substancias materiaes podem desagregar-se, e não possuem toda a perfeição possível. Ora, se cada um dos seres que compõem este admirabilissimo quadro, a que chamamos Universo, é finito, composto, mutavel e contingente, o Universo tem os mesmíssimos caracteres. Esta consequencia é indiscutivel, pois, a *pari*, do facto de cada um dos homens ser essencialmente dotado de razão, todos concuem que a racionalidade exorna necessariamente a natureza humana.

Mas o ente contingente, não tendo em si toda a razão da propria realidade, depende doutro, este doutro, e assim até encontrarmos um, que tenha em si todo o «porquê» da sua existencia. Tambem esta affirmacão não padece duvida porque, se elle não existisse, nenhum contingente existiria. Raciocinando da mesma maneira sobre cada um dos outros attributos da Natureza vemos que ella depende do ser simplissimo, im mutavel, infinito e necessario. A minha razão não lhe pode penetrar a essência, mas demonstra lhe a existencia. O seu nome, diz-me a Fé, é Jehovah.

O sr. Raul Proença se se der ao incommodo de dizer-me onde fraqueja este argumento, que é metaphisico, ha de dizer-me em poucas palavras. Agora um argumento phisico... em forma de palestra para desenfasiar e terminar.

Em uma «manhã de abril primorosa» passeavam dois estudantes muito cabulas e muito palradores, por signal, nas aléas dum velho jardim «á beira mar plantado». O resoar das vagas, os trinados suavesinhos das aves e a vibração melancolica do vento, impelliam ao devaneio—e aquelles rapazes devaniavam...

Deus, exclamou um, existe. Vejo a sua grandeza no raio que illumina as nuvens sinistras da tormenta e no horrido tufão, que cava abysmos no oceano a revolver-se em espuma; vejo a sua bondade infinita no rocio, que aljofra o lyrio oerdido nas dobras da montanha, e nas consolações que segreda á minha alma, no silencio mysterioso dos sanctuarios.

Existe Deus! e como Deus é grande!!

Dizes bem, respondeu o outro, mas onde tu vês Deus vejo eu só materia, força e acceso.

Extranha linguagem a tua; retorquiu o que primeiro fallára. Diz-me:

Se te contassem que, no meio duma grande floresta, apparecera casualmente um castello magnifico, em cujas ameias rendilhadas, relogios perfectissimos marcavam as horas do dia e as estações do anno; acreditavas? e se te dissessem ter-se encontrado, no fundo do mar, uma locomotiva engenhosamente construida, não dirias logo que um habil arista a desenhára e confeccionára? Pois bem: o sol, a terra, os milhões de mundos deramados no espaço, são infinitamente mais admiraveis que um castello; e o acaso, a que alguns chamam a mascara da ignorancia, não podendo produzir este, poderia ordenar aquelles? A machina prova a intelligencia do seu auctor, e só este mundo tão bello, não evidencia sabedoria do Ente a que eu chamo Deus? Como explicar o movimento, que anima a materia, sendo a materia de si inerte?

Como explicar a origem da vida na terra, que como disse Descartes, é «uma estrella apagada» onde nem sempre a vida foi possível, se, como Pasteur provou até á evidencia, a geração espontanea é uma

hypothese falsissima? E o homem, este pequeno mundo (microcosmos) como lhe chamaram os gregos—ente capaz de conhecer e amar a Verdade, seria plasmado só pela materia e pelo acaso, pela materia e pelo acaso que não são capazes de formar uma barquinha, uma choupana... a penna com que ás vezes escrevo.

«Os incredulos são os mais credulos!...» Não ajoelham ante os altares e ás vezes como Molleschott. (3 carta a Liébig) vão curvar-se ante a circulaçào da materia!

Nós sentimos muito, diz-se a miúdo, mas que importa, se tambem raciocinamos?

O Deus que a minha intelligencia conhece e bom, justo, sabio, eterno e omnipotente, o Deus que meu coração ama, é Amor, e amar um ente, diz Victor Hugo, é «torna-lo transparente», é acompanhá-lo em todas as suas manifestações, é unirnos aos a elle, é viver a sua rixa.

Somos, para que escondê-lo, mais felizes quando crêmos, mas a conveniencia não é o criterio «unico» da verdade. «Ainda, escreveu Schopnaur é um pendulo a oscillar entre a dor e a morte», por isso é consolador, infinitamente consolador erguer «o Ceu olhos suplicantes e cheios de esperanza Tu vês ahí a materia a rolar, eu vejo a obra de Deus; tu vês o «relogio», eu vejo o «relogio» e admiro, a adoro, o artefice que tão sabiamente o construiu...

Terminado o «sermão» o orador e o ouvinte... foram almoçar... e eu vou... nanar.

O sr. Raul Proença, não sei bem se a serio, se a rir, pede a um padre justo que ore por elle. Eu não sou padre, e talvez mesmo não seja um justo, mas quem lhe disse, que nós os christãos—os *eternos inimigos do genero humano*—não pedimos a Deus que «illumine» os que não vêm porque não «podem», que «cure» os que não vêm porque não querem?

Faro, 24-9-1907.

Callixto Novato.

«SERÕES»

Acaba de sahir mais um numero d'esta interessantissima publicação, o melhor magazine editado em Portugal.

O presente numero acompanhado, com todos os precedentes, por uma folha dos Serões das Senhoras com 28 illustrações, uma folha de moldes e uma bella musica, «A minha Estrella», valsa por Carlos Soeiro), inserte os seguintes artigos: «Sport nautico em Portugal», «Oliveira Martins», pelo dr. José Lobo d'Avila Lima; «O Caramelo» (conclusão), por Thomaz da Fonseca; «O poeta Julio Ripado», por Alfredo Guimarães; «Quarto concurso photographico dos «Serões»; «A lenda do canzarrão (conclusão), por A Conan Doyle; «A architectura de renascença em Portugal», por Albrecht Haupt; «Os Serões dos Bébés» —«Nausei e a sua egua»; sonetos de Mario Florival e «Actualidades», etc.

Tudo isto é profusamente elucidado com mais de 100 illustrações no texto, perfectamente reproduzidas. A perfeição material e os primores litterarios contrastam n'esta publicação com a modicidade do preço, 200 réis apenas por cada numero mensal.

CARRIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas

no mez de outubro					
Dias	Horas	De Mertola	Dias	Horas	De Villa Real
7	3.31	manhã	7	10.56	manhã
8	4.03	»	8	11.22	»
9	4.38	»	9	11.58	»
10	5.12	»	10	12.28	tarde
11	5.51	»	11	1.12	»
12	6.43	»	12	1.54	»
14	8.34	»	14	3.37	»
15	9.48	»	15	4.08	»
16	11.32	»	16	6.04	»
17	12.41	tarde	17	7.38	»
18	1.31	»	18	8.41	»
19	2.03	manhã	19	9.18	manhã
21	3.21	»	21	10.41	»
22	3.54	»	22	11.16	»
23	4.33	»	23	11.58	»
24	5.12	»	24	12.29	tarde
25	5.53	»	25	2.08	»
26	6.29	»	26	2.34	»
28	7.53	»	28	3.04	»
29	8.48	»	29	3.46	»
30	10.20	»	30	5.08	»
31	11.36	»	31	6.24	»

O que é e como se deve empregar o Phosphato Thomaz

O Phosphato Thomaz é um tetraphosphato de cal que provem como sub producto do fabrico do aço pela desphosphoração do ferro, segundo o processo inventado por Thomaz Gilchrist.

Antigamente o Phosphato Thomaz que tambem tem o nome de Escorias de Desphosphoração, não se encontrava em que o empregar, e a sua accumulacão embaraçava extraordinariamente as fabricas.

Mas em breve se descobria que era grande o seu valor como substancia fertilizante. Desde então o Phosphato Thomaz tem tido enorme applicação na fertilisação das terras, augmentando continuamente o seu emprego na agricultura de todos os paizes.

O Phosphato Thomaz é simultaneamente um adubo phosphorico e um adubo calcico, pois contem 50 por cento de cal e percentagens variaveis de acido phosphorico total e parte do qual em estado de ser assimulado immediatamente pelas plantas.

Alem d'isso o Phosphato Thomaz contem outras materias uteis á vegetação como a magnesia e o manganéz e não tem o inconveniente de retrogradar, isto é, de se tornar insolúvel parte do acido phosphorico, como frequentemente acontece ao superphosphato.

E' igualmente caracterizado o Phosphato Thomaz pela forte solubibilidade do seu acido phosphorico que tem por consequencia a sua rapida assimilação e a sua grande efficacia.

A sua utilisacão como adubo está cada vez mais preconizada por grande numero de experiencias concludentes de eminentes agronomos e pelos vantajosos resultados colhidos pelo seu emprego, nas mais variadas reigões culturaes.

O Phosphato Thomaz é talvez o adubo chimico que mais largamente pôde ser applicado pela sua grande adaptacão á maioria das terras.

O Phosphato Thomaz pode igualmente ser applicado quer nas terras arenosas, quer nas terras argilosas e com tanto melhor resultado quanto mais humiferas e desprotegidas de calcareo forem.

Ao contrario do superphosphato que é um adubo acido, o Phosphato Thomaz, que pela sua propria natureza é um adubo basico ou alcalino convem tambem, muito em especial, para certas terras já de si acidas (terras de prado, terras graniticas, humiferas) terras estas em que o emprego do superphosphato é contraproducente, mas em que está indicado o emprego do Phosphato Thomaz pela propriedade que tem de neutralisar a acidez do solo e favorecendo portanto a decomposicão das materias humiferas com produccão de azote.

Em Portugal está se generalisando enormemente a sua applicação; o seu emprego tem a maior vantagem e é mesmo necessario em certos solos do nosso paiz como grande parte das provincias do Alentejo, Estremadura e Trazos Montes e a maior parte das Beiras e do Minho.

O emprego do Phosphato Thomaz exclusivo só em raros casos é para aconsellar, mas é menor o inconveniente do emprego do Phosphato Thomaz exclusivo em certas terras do que o do Superphosphato tambem exclusivo, cujo excessivo e successivo emprego tem sido a causa do descontentamento de muitos lavradores que não adubam conscienciosamente as suas terras.

A applicação successiva de um elemento exclusivo em qualquer terra é sempre de resultados os mais desastrosos, pois exgota as terras dos outros elementos não applicados e portanto origina a sua esterilisação.

Em todas as explorações agricolas em que os adubos chimicos são empregados com criterio, forçosamente se ha de generalisar o emprego do Phosphato Thomaz como base das adubações de combinaçào com o Nitro de Sodio e com os saes de Potassa.

O augmento das colheitas devido ao emprego do Phosphato Thomaz, associado com outros elementos fertilizantes é verdadeiramente extra-

ordinario, sendo as vantagens da sua applicação tão evidentes, que o consumo no nosso paiz, ainda ha poucos annos era insignificante sendo agora cada vez maior contando-se actualmente o seu consumo annual, por milhares de toneladas.

REGISTO DE PUBLICAÇÕES

O INSTITUTO

Foi distribuido o n.º 7 do vol. 54 d'esta acreditada revista scientifica e litteraria que se publica em Coimbra. Summario: A aliança ingleza, de Affonso Ferreira; Les mathematiques en Portugal, de Rodolpho Guimarães; A Jardinagem em Portugal, de Sousa Viterbo; Fontes dos Luziadas, do dr. José Maria Rodrigues.

GAZETA DAS ALDEIAS

Publicou-se o n.º 613 (13.º anno) d'este importante semanario illustrado de propaganda agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis. Summario: Propaganda da Lavoura, do dr. João Salema; Soutos de talhadia de Carlos de Souza Pimentel. A Seps Chalcides, As pimenteiras, O pedreiro ou ziro, de Eduardo Sequeira; Vinificação de Souza, de Duarte de Oliveira; Ainda a vida das palhotas, do padre Daniel da Cruz; Pasteis de miolos, de D. Sophia de Sousa; Consultas, Folhetim, Secções e Artigos e noticias diversas. Redacção: Rua do Sá da Bandeira, 193—1.º—Porto.

AZULEJOS

Está publicado o n.º 2 d'este novo semanario de ciencias, letras e artes Traz a caricatura de Bernardino Machado, a mascara de Camillo, outras gravuras, muita collaboração litteraria, secções recreativas e uma inspirada polka para piano, Traquina, de Fernando de Padua.

O PHILARMONICO PORTUGUEZ

Recebemos o n.º 4 da 32.ª serie d'esta util publicação de musicas expressamente compostas para serem executadas por musicos amadores. A utilidade que qualquer philarmonica aufere em assignar esta publicação está sufficientemente provada não só pelos regentes das mesmas philarmônicas, como por abalizados professores da divina arte de Mozart.

O numero que temos presente publica um lindo *Pas de quatre* intitulado *Janota das sallas* e insere uma justa apreciação feita pelo sr. Nicolau Junior professor da Escola Academica e diplomada pelo nosso Conservatorio.

Assigna-se na Figueira da Foz, e cada trimestre ou 6 numeros custam 900 réis.

A GARRA

Foi nos enviado o 2.º numero d'este semanario de caricaturas que ha pouco começou a publicação em Lisboa sob a direcção do sr. Eduardo Braga.

As caricaturas são de Alfredo Candido, artista já conhecido pelos seus trabalhos nas *Novidades* e *Brazili Portugal* e a quem parece destinada justa evidencia entre os raros caricaturistas portuguezes de merecimento. Redacção: rua Aurea, 265, 1.º—Lisboa.

VENDE-SE

Uma morada de casas, com seis compartimentos, quintal e ramada, situada na freguezia da Conceição, junto á estrada real. Quem pretender pode dirigir-se a Antonio d'Horta. 132

ARRENDAMENTO

Arrendam-se duas propriedades: Uma no sitio da Foupãna, freguezia de Moncarapacho, concelho de Olhão, que consta de terras de semear e mattosa, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras e amendoeiras, casas de moradia, palheiro e pocilgo. Outra, no sitio do Paço das Figueiras, freguezia de Moncarapacho, concelho de Olhão, denominada *Desembargador*, que consta de terras de semear, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras, amendoeiras, vinha, casas de moradia, palheiro e pocilgo.

Quem pretender dirija-se a João Antonio Gomes, Rua de Mau Fôro d'esta cidade. 148

Ha bastante tempo que não falto na produção litteraria em França, parece-me boa occasião agora que acaba de inaugurar-se, no Grand Palais, onde teem lugar as exposições annuaes das bellas artes, a chamada Exposição do livro.

Desde já declaro, para os que imaginarem que esta exposição tem alguma importancia, que tudo n'ella é trivial e muito conhecido, com rarissimas excepções. Como todas as exposições d'este genero que vemos todos os annos em Paris, a do livro não passa d'um grande bazar mais ou menos artistico destinado a fazer reclamo aos editores e empresas jornalisticas, pois na realidade esta exposição pudera chamar-se com mais razão, a exposição do Jornal.

Mas é preciso distinguir, pois ha diário e diário. Geralmente os jornaes não são muito decentes emquanto a litteratura; alem d'isso dá-se o caso dos jornaes decentes entrarem pouco em casa das familias, isto é das familias em que ha jovens de ambos os sexos que se acham na idade critica da transição e para os quaes são tão facéis as quedas, se as pessoas encarregadas da sua educação não tiverem o maior cuidado. Não quero citar nomes, embora fosse conveniente denunciar certas publicações diarias que envenenam a alma da juventude, d'essa juventude desarmada para o combate da vida e que corre o risco de sahir vencida antes de começar a luta.

Alem d'estes periodicos, pode affirmar-se que as revistas que se publicam em Paris são boas em geral e algumas muito dignas. Como não quero fazer reclamo a nenhuma, abstenho-me de fallar n'aquellas que, a meu ver, mais merecem, ser lidas. São estas que papel mais importante representam na Exposição do Livro. E agora vou dizer duas palavras a proposito do livro, do pobre livro que se acha sob a absoluta dominação do omnipotente periodico.

O unico Livro serio agora—fallo do Livro em França—é o que se refere á sciencia, á critica litteraria ou á philosophia, esses livros ainda se podem ler, não são muitos os escriptores de primeira ordem, porque como já disse estes vão morrendo sem serem substituidos, os que existem ainda escrevem bem e com consciencia. Em troca, a novella que é a unica coisa que lê o publico d'aqui e de toda a parte—é pouco moral, tão pouco moral que os editores conhecidos não fazem senão editar de novo obras de bons autores em edições baratas quando querem arranjar boa freguezia entre a gente decente, o que não falta. Os outros editores publicam unicamente livros pornographicos, que espalham pelo mundo inteiro e as traducções são tão asquerosas como os originaes. Com semelhantes obras que são uma calamidade e constituem um verdadeiro crime moral, pervertem o cerebro e o coração dos desgraçados que por ingenuidade ou por vicio se entregam áquella leitura. Forçoso é que haja uma reacção litteraria que ponha cobro a estes abusos, se quiserem salvar o pouco bom que ainda tem a nova geração, mãe dos destinos futuros.

Darwin.

No transacto anno lectivo, concluíram o respectivo curso, na escola de ensino normal d'esta cidade, as sr.^{as} Francisca dos Anjos Cabrita d'Almeida, Julia das Dores Fernandes, Generosa da Conceição Sant'Anna, Laurinda de Jesus Bomba, Anna Isaura de Sousa, Dilar Edviges da Silva, Egídia dos Santos Cantinho, Maria Emilia Paraiso, Maria Rita das Dores Silva, Jacintha das Dores Serpa e Maria do Nascimento Neves.

Com sua familia regressou de Aljezur á sua casa nesta cidade o nosso prezado amigo sr. José de Calazans Duarte, esclarecido secretario da administração d'este concelho e correspondente da folha lisbonense Diario de Noticias.

No mesmo lyceu, na segunda epocha d'exames que na quarta findou, todos os examinandos obtiveram approvação.

Com sua esposa e filhas partiu na segunda feira para o Estoril, o importante industrial sr. João Antonio Judice Fialho. Tiveram na gare uma affectuosa despedida.

Por fallecimento do seu pae e sogro sr. João Severino Egypto Peres que uma lesão cardiaca victimou domingo ultimo em Olhão, onde residia, estão de luto os nossos amigos srs. dr. Sezinando Arnedo Peres, facultativo do quadro de saude de S. Thomé e Anzola e Elias Augusto Chaves d'Almeida, inspector dos impostos. O nosso pezame.

Das praías e dos campos começa o regresso dos que alli haviam ido passar a quadra calma. Registemos. Regressaram: de Braga os dres: Alexandre Franklin Soares e Novaes e Sousa; da Rocha, dr. Vasco Mascarenhas e familia; de Monchique, Lyster Franco e familia; da Armação de Pera, D. Maria Graça e filhos; da Fuzeta, Antonio Gonçalves Bandeira e familia; de Tavira, D. Anna Valladares Pantoja e filha e Joaquim d'Abreu Camacho e esposa; de Albufeira o dr. João Ponce, esposa e filho; de Monchique, Antonio Leal.

Partido republicano

Com o fim de se proceder á eleição da commissão municipal republicana d'esta cidade promoveram os elementos dirigentes d'aquelle partido uma reunião que teve lugar na segunda feira ultima, pelas 7 e meia horas da noite, no predio nobre da Bella Fria. Presidiu o sr. dr. Silvestre Falcão, sendo o seguinte o resultado do acto eleitoral:

Effectivos: Abilio Bandeira, dr. Pires Padinha, Heitor Ramos, Jacques Pessoa e João Parreira. Substitutos: Antonio Guimarães, Joaquim Vidigal, José S. Costa, José Tavares e Pedro d'Oliveira.

Aproveitando o ensejo d'essa reunião, que foi publica, o sr. dr. Estevão de Vasconcellos, medico em Villa Real e importante vulto do partido republicano, que ali se encontrava, fez uma conferencia em prol do seu credo politico em que foi, segundo nos dizem, bastante energico, sendo ouvido com agrado.

Brevemente deve haver uma outra reunião promovida pelos elementos do mesmo partido para a eleição das commissões parochiaes.

JOAQUIM PERES MEDICO

Dá consultas diarias em sua casa, na rua da Corredoura, das 12 ás 2 horas da tarde.

Noticias de fazenda

Retirou já de Olhão para Evora, onde foi tomar posse do lugar de 3.º official da repartição de fazenda districtal, o sr. Francisco Maria Bento.

Foi collocado no concelho de Arrayollos o escriptivo de fazenda addido sr. José Maria Ludovice, que estava dirigindo a repartição de fazenda de Olhão.

O escriptivo de fazenda de Arrayollos sr. Antonio Maria Ribeiro foi promovido á 2.ª classe, por antiguidade e collocado no concelho de Lagos.

NOTICIAS PESSOAES

- Fazem annos: Hoje, 6—D. Aurelia d'Andrade, D. Esther Pacheco Tavares. Segunda, 7—D. Luna Anram, Sezinando Antonio das Chagas Franco. Terça, 8—D. Maria da Encarnação Medeiros Antunes. Quarta, 9—D. Julia Tavares Bello, Ventura Jose Tavares. Quinta, 10—D. Maria Leocadia Palermo Pinto, dr. Primo Frazão. Sexta, 11—D. Maria Solesio Padinha, Fausto Guedes Teixeira, Bento Gomes Formosinho, Luiz Anibal da Gama Pinto. Sabbado, 12—C. nselheiros José Estevão de Moraes Sarmiento e Frederico Rossano Garcia.

Acompanhado de sua esposa partiu na segunda feira para Lisboa o alferes sr. João Eduardo Franco Antunes Centeno.

Na segunda feira regressou de Monte Gordo a Lisboa, com sua esposa e filhos, o engenheiro sr. Arthur Mendes.

Retirou na segunda feira para Mafra, onde foi receber instrucções sobre as novas armas que vão ser distribuidas ao exercito, o tenente ajudante de infantaria 4 sr. Bernardino Pires Franco.

Acompanhado de sua esposa e filhos regressou na terça de Albufeira o sr. Berredo Falcão.

Depois d'alguns dias de demora n'esta cidade retiraram na segunda feira para Lisboa o chefe de conservação sr. Miguel Augusto Azevedo Mascarenhas, sua filha D. Maria do Carmo Mascarenhas Azevedo e seu genro sr. João Evangelista Vieira da Motta.

Depois de uma larga digressão pelo barlavento da provincia regressou no domingo a Faro o nosso presado collega sr. Lyster Franco.

Chegou no dia 26 de setembro ultimo a Tanger, vindo de Casa Branca, o sr. Joaquim Fonseca, que no dia immediato retirou d'ali para Gibraltar.

Partiu hontem para Villarta (Hespanha) o sr. general José de Sousa Alves. Foi acompanhado de sua esposa que ali vai fazer uso d'aquellas afamadas aguas.

Com sua familia retirou de Monte Gordo para Lisboa, na quarta feira, o engenheiro sr. Raul Couvrer.

"NOMI-TORI KO"

O raro e encantador artista que escreve as deliciosas cartas do Japão para o nosso illustre collega Commercio do Porto conta nos com a sua inimitavel graça a seguinte pittoresca scena, que pedimos licença para transcrever:

Uma impressão da actualidade. Vou especialmente falar de percevejos e de pulgas. Affigura-se-me possivel que os leitores d'estas linhas impetuosamente se revoltam contra o assumpto, julgando ignominioso, desprezível. Não teem razão, porém—permittam-me a franqueza. Estes interessantes parasitas deveriam merecer de nós todos, segundo o meu criterio, mais carinhosas attentões.

Sangue do nosso sangue, carne da nossa carne, não são elles de certo modo nossos parentes mui chegados; bem mais proximos em grau, parece-me, do que a chusma dos primos e do que o bando das priminhas, occupando logar proeminente na arvore genealogica familiar? A enorme deficiencia de meios de observação de que dispomos é causa unica, por certo, de que não possamos distinguir profundas semelhanças de caracter, notaveis phenomenos de hereditariedade, emfim, entre nós mesmos e o parasita, que quasi amamentamos, medrando, durante um anno inteiro, á custa do nosso proprio sangue.

Mas não vos segreda a consciencia que a pulga intima que, por exemplo, sugou o generoso sangue de Victor Hugo, no desterro, haja sido propensa a rasgos de poesia?... E o persevejo, occulto entre a farda chamuscada e o peito heroico de Napoleão I, não terá accusado particulares tendencias aguerridas?... Havendo assim cuidado de redimir do opprobrio as duas tribus de insectos que apontei, entro em materia.

A pulga—nomi em linguagem japoneza—é, certamente, um animal indigena no Japão, um aborigene, se o termo é permittido: proliferando admiravelmente neste sólo, graças á amenidade do clima, graças á disposição das casas, graças á maciez appetitosa dos braços das musumés, graças, sobretudo, á fôfa esteira, o latami, que atapeta

os aposentos, offerecendo commo do abrigo e ninho de conforto a numerosa prole do industrioso insecto.

Já não poderei dizer do persevejo a mesma cousa.

O seu nome japonez é «nankin mushi», isto é, o «bicho de Nanking»; o que está trahindo indiscutivelmente a sua procedencia—de Nanking e de toda China sordida.

O persevejo é, pois, um animal de importação, um emigrante, um residente estranho, como eu, como o leitor se cá vier, como todos os residentes adventicios que habitam este imperio; se tem direito a maiores honras do que nós, serão as de poder gabar se de ter entrado aqui de mistura com a classica civilização chinesa nas épocas remotas talvez escondido entre as prégas da ampla stovina de algum bonzo, santo apostolo buddhista.

Resta dizer ainda que, sendo no Japão a pulga pullulante, o persevejo é raro, encontrando-se de preferencia em casas habitadas por chinezes, por excepção em algum lar indigena onde reine o desleixo e a falta de limpeza... Inclue-se no numero o lar do celebre pintor Hokusaje, mestre da escola vulgar e fallecido ha pouco mais de cincoenta annos; de quem resam as chronicas que uma vez recebeu a visita de um delegado do Shôgun, generalissimo do imperio, no acto de catar percevejos do kimono que vestia, torcendo os gravemente entre as pontas do dedo grande e indicador... a

Ora, é na presente quadra, de calores torridos, que a pulga abunda.

Vem então a proposito dizer que por estas noutes calidas de agosto e de setembro—pela meia noute, pela uma hora, pelas duas horas—aos pregões dos vendilhões ambulantes de gelo, de sorvetes e de outras gulodices, e ás plangencias da flauta dos cegos que se dão ao officio da massagem—para consolação dos membros lassoos, dos nipponicos—se mistura o pregão dos vendilhões de pós para matar pulgas.—«Nomi-tori kô! nomi-tori kô!...»—vão elles gritando pelas ruas.

O artigo vende-se tambem nas drogarias, mas pouco procurado dos freguezes.

O caso é interessante, como exemplo da doce imprevidencia, nos actos corriqueiros d'esta gente.

De dia, rindo e lidando, ninguem pensa na pulga.

Mas é pela noute velha que ella se faz lembrada e aborrecida, picando nas carnes; «especialmente detestavel quando penetra dentro do kimono e se põe a saltar de um para o outro, como ha cerca de mil annos escrevia uma dama da corte. Gei Sôngou, no seu espirituoso livro de impressões.

Então a «musumé», após haver soffrido, resignada, quarenta ou cinquenta mordeduras, ergue-se das colchas, somnolenta, em desalinho; e, entreabrindo a portinha do lar, grita ao industrial noctivago:

«O senhor vendilhão de pós para matar pulgas, venha cá!...»

OS QUE MORREM

Na noite de 29 de setembro ultimo, pelas 7 1/2 horas, pouco depois de ter acabado de jantar em casa de seu cunhado o capitão do porto de Villa Real de Santo Antonio sr. Hopfer Custodio Xavier Clemente Gomes, a casa de quem viera passar alguns dias, foi atacada por uma congestão cerebral fallecendo instantaneamente o sr. Zeferino Mergulhão Botelho, de 25 annos de edade, empregado do commercio em Lisboa e filho do sr. Julio Candido Botelho e da sr.^a D. Maria José Mergulhão Botelho, d'aquella capital.

O funeral effectuou-se no dia seguinte, sendo muito concorrido. Pegaram ás borlas do caixão os srs. Alfonso Gomes, capitão Barreira, tenente Mascarenhas, Jacintho d'Andrade, Campello e Antonio José Vieira.

SOMATOSE CONTRA A CHLOROSIS

RACIONANDO

Aos que anseiam chegar á Luz pela discussão

A proposito d'uma polemicacasiha que venho sustentando com o sr. Jayme Cunha, o sr. Raul Proença bordou algumas considerações, que parece-me, mereceu-me outras considerações.

Não é o simples prurido de discutir, de evidenciar verdadeiras ou phantasticas contradicções, de «enallixtar» que me impulsiona. Para mim a «Verdade é a Vida»; e que homem veria, sem um impeto de revolta, irem lhe a pouco e pouco, friamente, reflectidamente apagando a Vida?

Da mesma maneira, ao ver enturvar o que julgo a Verdade, sinto fremir no peito, não raiva contra o iconoclasta, que é talvez tão bem intencionado como eu, mas contra o camartello com que percutem sem treguas, contra os erros.

«Uma religião, todos o sabem, não é uma philosophia». Enquanto nesta tudo é discutível e racional, n'aquella ha asserções que transcendem a nossa acanhada comprehensão. Eu sei que a electricidade do mesmo nome repelle-se, e sei que os corpos se atrahem na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distancias, mas, se me perguntarem o «porquê» d'estes factos, respondo, dizendo: não sei. Posso mostrar-los, mas explica-los satisfactoriamente, é-me impossivel.

A Igreja propõe á minha crença mysterios; e deverei eu, só porque os não comprehendo, sorrir com desdem dessas affirmações que mil outros, incomparavelmente mais sabios que eu, admittem? Hoje não é conveniente, escrevendo para illustrados, apresentar a Religião incompativel com a Sciencia ou com os incontestados direitos da razão pois, quem o não sabe? Newton, Kepler, Pasteur, Ampère, Cuvier, Linneu, Leverrier, Secchi, Copernico, Galileu... foram sinceramente e fervorosamente crentes.

Mas a existencia dum Ente eterno e perfeitissimo, cinjã no nos á questão, é uma verdade meramente racional. Eu não creio na existencia de Deus; sei que Elle existe. A minha intelligencia é capaz de remontar-se sosinha, «per ea quae facta sunt» como defeniou o Concilio do Vaticano, até ao ser dos seres.

O sr. Raul Proença tem, na verdade, razão, quando affirma que o argumento apresentado por Sant'Anselmo no capitulo 2.º do seu Prologium nada prova; e, se eu não estivesse piamente convencido da boa fé deste senhor, diria que estava a mangar comigo e com os leitores do Herald.

Quando se falla de religões, meu caro sr. Raul Proença, toda a cautela é pouca, pois mesmo sem o interesse das congruas, muitos philosopham «á desesperada» como engraçadamente diz Soares. Abra uma dogmatica—o Billot por exemplo, ou uma philosophia boa, e não se admire, acha ahi refutado o pseudo argumento que v. refutou.

O compendio por onde eu estudo (Elementos de Philosophia por Tiago Simbaldi) prova, a paginas 299 e ss. do segundo volume, que a existencia de Deus não pode ser demonstrada «a—simultaneo», e a seguir passa revista aos argumentos de Sant Anselmo, Descartes e Leibnitz, que são viciosos por deduzirem da ordem ideal a real, por tirarem uma consequencia mais extensa que as premissas. Não é pois novidade para ninguem, que o argumento que apreciou, e apreciou bem, é falso. Pelo que diz respeito a prova tirada do consenso de todos os povos o caso é um tudo nada diferente.

Eu sei que o sr. Raul Proença, dizendo que muitos povos não teem verdade «subjectiva». Plinio o moço (Epp. Liv. VII, 26) escreveu: «Na vizinhança da morte, lembra-se o moribundo que é homem, e existem deuses»; e nós vemos a creancinha erguer sem relutancia, naturalmente, as mãos para o ceu e dizer: Pai nosso que estás nos ceos. Estes factos levam-nos á conclusão de que a crença num Deus

a minima noção de Deus, diz uma é natural ao homem, e que deve encontrar-se onde existam homens. Para o provar temos, além duma passagem de Cicero (De Nat. Deor. I, 17): Não existe povo algum por inculto e selvagem que seja, que não tenha fé em Deus, apesar de não conhecer-lhe «a essência» duas de Quatrefages: Obrigado pelo meu ensino a passar revista a todas as raças humanas, procurei o ateísmo, tanto entre os povos mais selvagens como entre os mais civilizados. Não o encontrei em parte alguma, a não ser n'algum indivíduo de escola muito lemitada, como se viu na Europa no seculo passado, e como se vê ainda no presente: (L'espèce humaine, c. 35, pag. 355, Paris, 1877) e noutra logar (Reppert, pag. 410) diz: Pouco a pouco fez-se luz, e os povos da Australia e da Malanezia, os Boschimans, os Otentotes, os Caffres, os Bechuanas, foram illuminados do numero dos povos atheus e reconhecidos como religiosos. Podia documentar mais as minhas palavras, mas julgo não ser preciso, pois «consta» sufficientemente a universalidade da creença num Deus que tudo pode, tudo sabe e tudo dirige.

Aristoteles, baseado neste facto, argumenta assim (Rhetor. I, 13): O que é inherente a essência e universal; tudo o que os homens tem indistinctamente por verdadeiro é «uma verdade natural».

O sr. Raul Proença pode dar ao argumento a força provativa que quizer; para mim vale, aqui muito á puridade, como vale o dizer-se: todos os homens julgaram sempre tal ou qual facto um crime. Logo é o realmente. A demais este argumento é apresentado nas philosophias, que conheço, em ultimo logar, e entra, juntamente com o de Manuel Rant, no numero das chamadas provas moraes. Não resta pois a minima duvida: o sr. Raul Proença é um atheu «logico» se além dum sophisma (o argumento de Sant' Anselmo) e duma prova tão franquinha, não conhece mais argumentos.

Seneca (não posso agora recordar me onde) diz: Que se alguém disser que não existe Deus, de noite, a sós com a sua consciencia, reconhecerá que mentiu. Eu não quero collocar a carapuça na cabeça de v.—era grosseria excusada—, mas apenas frisar o que pensava um philosopho pagão, acerca dos *soi disants* atheus...

O sr. Raul Proença, são sei bem como, concluiu do eu escrever «erram miseravelmente» que eu chamára miseráveis aos que, penso, terem-se desencaminhado da Verdade. E' a segunda vez que um meu adversario, interpreta mal as minhas palavras. Elles, sou o primeiro a reconhecer-lo, tem menos culpa do que eu. Contudo todos dizem: cahiu desgraçadamente, cahiu miseravelmente, sem, nem por sonhos, pensarem em insultar o pobre que escoregou n'uma calçada. Só o Callixto Novato, tem, ao escrever phrases com esinhas, a negregada intenção de ferir o bom nome de cada um. Valha me Deus.

Eu, entendamo nos, não quero questões pessoas; mau grado a minha insufficiencia agrada-me a lucta porque luctar é viver, mas é a lucta serena, delicada, direi mesmo —amigavel. As phrases sarcasticas não provam senão a má educação e a pobreza de idéas dos que as empregam.

O sr. Raul Proença pede que lhe demonstrem a existencia de Deus, e eu vou satisfazê-lo, mas, porque os leitores do *Heraldo* já devem estar enfatiados de tantas citações e philosophias, a minha demonstração será uma demonstração *non nova sed nove*.

Não conclua d'aqui (isto é brincadeira) algum crente mais assustado, que sou... modernista. Eu não sei chorar as lagrimas sentidissimas da saudade sobre a memoria das gerações idas, nem anatemisar cathedricamente os «impios» que aneiam chegar a Verdade, discutindo. Mahomet dizia

crê ou morres e a nós diz S. Paulo—que a tua fé seja racional. Assentemos pois uma de suas bases, demonstrando a existencia de Deus. O sr. Raul Proença responderá como lhe parecer, se lhe parecer que deve responder, e eu irei dizendo tambem... mais algumas coisitas.

O astro que traça, no espaço indefinido, uma orbita immensa, podia muito bem não existir; a a flor que inda hontem rebrihava cheia de vida, amanhã é pó e as substancias materiaes podem desagregar-se, e não possuem toda a perfeição possível. Ora, se cada um dos seres que compõem este admirabilissimo quadro, a que chamamos Universo, é finito, composto, mutavel e contingente, o Universo tem os mesmíssimos caracteres. Esta consequencia é indiscutivel, pois, a *pari*, do facto de cada um dos homens ser essencialmente dotado de razão, todos concluem que a racionalidade exorna necessariamente a natureza humana.

Mas o ente contingente, não tendo em si toda a razão da propria realidade, depende doutro, este doutro, e assim até encontrarmos um, que tenha em si todo o «porquê» da sua existencia. Tambem esta affirmacão não padece duvida porque, se elle não existisse, nenhum contingente existiria. Raciocinando da mesma maneira sobre cada um dos outros attributos da Natureza vemos que ella depende do ser simplissimo, im mutavel, infinito e necessario. A minha razão não lhe pode penetrar a essência, mas demonstra lhe a existencia. O seu nome, diz-me a Fé, é Jehovah.

O sr. Raul Proença se se der ao incommodo de dizer-me onde fraqueja este argumento, que é metaphisico, ha de dizer-me em poucas palavras. Agora um argumento phisico... em forma de palestra para desenfatiar e terminar.

Em uma «manhã de abril primorosa» passeavam dois estudantes, muito cabulas e muito palradores, por signal, nas aléas dum velho jardim «á beira mar plantado». O resoar das vagas, os trinadoes suavevinhos das aves e a vibração melancholica do vento, impelliam ao devaneio—e aquelles rapazes devaniavam...

Deus, exclamou um, existe. Vejo a sua grandeza no raio que illumina as nuvens sinistras da tormenta e no horrido tufão, que cava abyssos no oceano a revolver-se em espuma; vejo a sua bondade infinita no rocio, que aljofra o lyrio oerdido nas dobras da montanha, e nas consolações que segreda á minh'alma, no silencio mysterioso dos sanctuarios.

Existe Deus! e como Deus é grande!!

Dizes bem, respondeu o outro, mas onde tu vês Deus vejo eu só materia, força e acceso.

Extranha linguagem a tua; retorquiu o que primeiro fallára. Diz-me:

Se te contassem que, no meio duma grande florésta, apparecera casualmente mais admiraveis que um castello; e o acaso, a que alguns chamam a mascara da ignorancia, não podendo produzir este, poderia ordenar aquelles? A machina prova a intelligencia do seu auctor, e só este mundo tão bello, não evidencia sabedoria do Ente a que eu chamo Deus? Como explicar o movimento, que anima a materia, sendo a materia de si inerte?

Como explicar a origem da vida na terra, que como disse Descartes, é «uma estrella apagada» onde nem sempre a vida foi possível, se, como Pasteur provou até á evidencia, a geração espontanea é uma

hypothese falsissima? E o homem, este pequeno mundo (microcosmos) como lhe chamaram os gregos—ente capaz de conhecer e amar a Verdade, seria plasmado só pela materia e pelo acaso, pela materia e pelo acaso que não são capazes de formar uma barquinha, uma choupana... a penna com que ás vezes escrevo.

«Os incredulos são os mais credulos!... Não ajoelham ante os altares e ás vezes como Molleschott. (3 carta a Liébig) vão curvar-se ante a circulação da materia!

Nós sentimos muito, diz-se a miudo, mas que importa, se tambem raciocinamos?

O Deus que a minha intelligencia conhece e bom, justo, sabio, eterno e omnipotente, o Deus que meu coração ama, é Amor, e amar um ente, diz Victor Hugo, é «torna-lo transparente», é acompanhá-lo em todas as suas manifestações, é unirmo aos a elle, é viver a sua rixa.

Somos, para que esconde-lo, mais felizes quando crêmos, mas a conveniencia não é o criterio «unico» da verdade. «Ainda, escreveu Schopnaur é um pendulo a oscillar entre a dor e a morte», por isso é consolador, infinitamente consolador erguer ao Ceu olhos suplicantes e cheios de esperança. Tu vês ahí a materia a rolar, eu vejo a obra de Deus; tu vês o «relogio», eu vejo o «relogio» e admiro, a adoro, o arteíçe que tão sabiamente o construiu...

Terminado o «sermão» o orador e o ouvinte... foram almoçar... e eu vou... nanar.

O sr. Raul Proença, não sei bem se a serio, se a rir, pede a um padre justo que ore por elle. Eu não sou padre, e talvez mesmo não seja um justo, mas quem lhe disse, que nós os christãos—os eternos inimigos do genero humano—não pedimos a Deus que illumine os que não vêm porque não «podem», que «cure» os que não vêm porque não querem?

Faro, 24-9-1907.
Callixto Novato.

«SERÕES»
Acaba de sahir mais um numero d'esta interessantissima publicação, o melhor magazine editado em Portugal.

O presente numero acompanhado, com todos os precedentes, por uma folha dos Serões das Senhoras com 28 illustrações, uma folha de moldes e uma bella musica, «A minha Estrella», valsa por Carlos Soeiro, insere os seguintes artigos: «Sport nautico em Portugal»; «Oliveira Martins», pelo dr. José Lobo d'Avila Lima; «O Caramelo» (conclusão), por Thomaz da Fonseca; «O poeta Julio Ripado», por Alfredo Guimarães; «Quarto concurso photographico dos «Serões»; «A lenda do canzarão» (conclusão), por A Conan Doyle; «A architectura de renascença em Portugal», por Albrecht Haupt; «Os Serões dos Bébés» —«Nansei e a sua egua»; sonetos de Mario Florival e «Actualidades», etc.

Tudo isto é profusamente elucidado com mais de 100 illustrações no texto, perfeitamente reproduzidas. A perfeição material e os primores litterarios contrastam n'esta publicação com a modicidade do preço, 200 réis apenas por cada numero mensal.

CARRIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas

no mez de outubro	
Dias	Horas
7	3,31
8	4,03
9	4,38
10	5,12
11	5,51
12	6,43
14	8,34
15	9,48
16	11,32
17	12,41
18	1,31
19	2,03
21	3,21
22	3,54
23	4,33
24	5,12
25	5,53
26	6,29
28	7,53
29	8,48
30	10,20
31	11,36

O que é e como se deve empregar o Phosphato Thomaz

O Phosphato Thomaz é um tetraphosphato de cal que provem como sub producto do fabrico do aço pela desphosphoração do ferro, segundo o processo inventado por Thomaz Gilchrist.

Antigamente o Phosphato Thomaz que tambem tem o nome de Escorias de Desphosphoração, não se encontrava em que o empregar, e a sua accumulacão embaraçava extraordinariamente as fabricas.

Mas em breve se descobria que era grande o seu valor como substancia fertilizante. Desde então o Phosphato Thomaz tem tido enorme applicação na fertilização das terras, augmentando continuamente o seu emprego na agricultura de todos os paizes.

O Phosphato Thomaz é simultaneamente um adubo phosphorico e um adubo calcico, pois contem 50 por cento de cal e percentagens variaveis de acido phosphorico total e parte do qual em estado de ser assimulado immediatamente pelas plantas.

Além d'isso o Phosphato Thomaz contem outras materias uteis á vegetação como a magnesia e o manganéz e não tem o inconveniente de retrogradar, isto é, de se tornar insolvel parte do acido phosphorico, como frequentemente acontece ao superphosphato.

E' igualmente caracterizado o Phosphato Thomaz pela forte solubillidade do seu acido phosphorico que tem por consequencia a sua rapida assimilação e a sua grande efficacia.

A sua utilisacão como adubo está cada vez mais preconizada por grande numero de experiencias concludentes de eminentes agronomos e pelos vantajosos resultados colhidos pelo seu emprego, nas mais variadas reigões culturaes.

O Phosphato Thomaz é talvez o adubo chimico que mais largamente pôde ser applicado pela sua grande adaptacão á maioria das terras.

O Phosphato Thomaz pode igualmente ser applicado quer nas terras arenosas, quer nas terras argilosas e com tanto melhor resultado quanto mais humiferas e desprotegidas de calcareo forem.

Ao contrario do superphosphato que é um adubo acido, o Phosphato Thomaz, que pela sua propria natureza é um adubo basico ou alcalino convem tambem, muito em especial, para certas terras já de si acidas (terras de prado, terras graniticas, humiferas) terras estas em que o emprego do superphosphato é contraproducente, mas em que está indicado o emprego do Phosphato Thomaz pela propriedade que tem de neutralisar a acidez do solo e favorecendo portanto a decomposicão das materias humiferas com produccão de azote.

Em Portugal está se generalizando enormemente a sua applicação; o seu emprego tem a maior vantagem e é mesmo necessario em certos solos do nosso paiz como grande parte das provincias do Alentejo, Estremadura e Traz-os Montes e a maior parte das Beiras e do Minho.

O emprego do Phosphato Thomaz exclusivo só em raros casos é para aconsellar, mas é menor o inconveniente do emprego do Phosphato Thomaz exclusivo em certas terras do que o do Superphosphato tambem exclusivo, cujo excessivo e successivo emprego tem sido a causa do descontentamento de muitos lavradores que não adubam conscienciosamente as suas terras.

A applicação successiva de um elemento exclusivo em qualquer terra é sempre de resultados os mais desastrosos, pois exgota as terras dos outros elementos não applicados e portanto origina a sua esterilização.

Em todas as explorações agricolas em que os adubos chimicos são empregados com criterio, forçosamente se ha de generalisar o emprego do Phosphato Thomaz como base das adubações de combinacão com o Nitrato de Sodio e com os saes de Potassa.

O augmento das colheitas devido ao emprego do Phosphato Thomaz, associado com outros elementos fertilizantes é verdadeiramente extra-

ordinario, sendo as vantagens da sua applicação tão evidentes, que o consumo no nosso paiz, ainda ha poucos annos era insignificante sendo agora cada vez maior contando-se actualmente o seu consumo annual, por milhares de toneladas.

REGISTO DE PUBLICAÇÕES

O INSTITUTO

Foi distribuido o n.º 7 do vol. 54 d'esta acreditada revista scientifica e litteraria que se publica em Coimbra. Sumario: A aliança inglesa, de Affonso Ferreira; Les mathematiques en Portugal, de Rodolpho Guimarães; A Jardinagem em Portugal, de Sousa Viterbo; Fontes dos Luziadas, do dr. José Maria Rodrigues.

GAZETA DAS ALDEIAS

Publicou-se o n.º 613 (13.º anno) d'este importante semanario illustrado de propaganda agricola e vulgarização de conhecimentos uteis. Sumario: Propaganda da Lavoura, do dr. João Salema; Soutos de talhadia de Carlos de Souza Pimentel. A Seps Chalcides, As pimenteiras, O pedreiro ou ziro, de Eduardo Sequeira; Vinificação de Souza, de Duarte de Oliveira; Ainda a vida das palhotas, do padre Daniel da Cruz; Pasteis de miolos, de D. Sophia de Sousa; Consultas, Folhetim, Serções e Artigos e noticias diversas. Redacção: Rua do Sá da Bandeira, 195—1.º—Porto.

AZULEJOS

Está publicado o n.º 2 d'este novo semanario de ciencias, letras e artes Traz a caricatura de Bernardino Machado, a mascara de Camillo, outras gravuras, muita collaboração litteraria, secções recreativas e uma inspirada polka para piano, Traquina, de Fernando de Padua.

O PHILARMONICO PORTUGUEZ

Recebemos o n.º 4 da 32.ª serie d'esta util publicação de musicas expressamente compostas para serem executadas por musicos amadores. A utilidade que qualquer philarmónica auferir em assignar esta publicação está sufficientemente provada não só pelos regentes das mesmas philarmónicas, como por abalizados professores da divina arte de Mozart.

O numero que temos presente publica um lindo *Pas de quatre* intitulado *Janota das sallas* e insere uma justa apreciação feita pelo sr. Nicula Junior professor da Escola Academica e diplomada pelo nosso Conservatorio.

Assigna se na Figueira da Foz, e cada trimestre ou 6 numeros custam 900 réis.

A GARRA

Foi nos enviado o 2.º numero d'este semanario de caricaturas que ha pouco começou a publicação em Lisboa sob a direcção do sr. Eduardo Braga.

As caricaturas são de Alfredo Candido, artista já conhecido pelos seus trabalhos nas *Novidades* e *Brazil Portugal* e a quem parece destinada justa evidencia entre os raros caricaturistas portuguezes de merecimento. Redacção: rua Aurea, 265, 1.º—Lisboa.

VENDE-SE

Uma moradia de casas, com seis compartimentos, quintal e ramada, situada na freguezia da Conceição, junto á estrada real. Quem pretender pode dirigir-se a Antonio d'Horta. 132

ARRENDAMENTO

Arrendam-se duas propriedades: Uma no sitio da Foupãna, freguezia de Moncarapacho, concelho de Olhão, que consta de terras de semear e mattosa, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras e amendoeiras, casas de moradia, palheiro e pocilgo. Outra, no sitio do Paço das Figueiras, freguezia de Moncarapacho, concelho de Olhão, denominada *Desembargador*, que consta de terras de semear, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras, amendoeiras, vinha, casas de moradia, palheiro e pocilgo.

Quem pretender dirija-se a João Antonio Gomes, Rua de Mac Fôro d'esta cidade. 148

FORA COM A ESCROFULA!



EDUARDO COSTA

O TESTEMUNHO

Lisboa, Rua do Principe, 12, 12 de Janeiro de 1906.
Meu filho Eduardo, de 4 annos d'idade, estando atacado de Zagre escrofuloso, e depois de ter tomado muitos outros medicamentos, só da Emulsão de Scott colheu resultados curativos, estando agora muito bom e de excellente apparencia conforme poderão verificar pela photographia que lhes envio. Recomendando aos paes que tenham filhos escrofulosos que façam uso da Emulsão de Scott, como o unico preparado que os pode salvar.

Domingos Costa.

A RAZÃO

A extraordinaria virtude da Emulsão de Scott, que lhe faculta lançar fóra do organismo a escrofula, a inchação das glandulas, as feridas abertas, as ulceras, as escamas nasce da extrema e invariavel pureza e superioridade de todos os materiaes empregados n'ella, e do processo especial que aproveita toda a efficacia d'esses mesmos materiaes.

Porém, para conseguir os beneficios que só se podem tirar da

Emulsão de Scott



é necessario verificar se o involucro traz o peixe com o peixe. Outras emulsões não podem dar o mesmo resultado, porque são feitas frequentemente de oleos inferiores, que ás vezes não são de bacalhau, mas sim de peixes ordinarios, carecendo portanto das magnificas qualidades medicinaes contidas na Emulsão de Scott.

Exigir sempre a Emulsão com esta marca—o homem do peixe—que significa o processo Scott!

NOTA: Apezar do imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e drogarias vendem a Emulsão de Scott aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º, Porto.

EDITAL

João Possidonio Guerreiro, Comendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição e Presidente da Camara Municipal do Concelho de Tavira:

FAZ PUBLICO:

QUE até ás doze horas da manhã do dia 17 do corrente mez de outubro, em todos os dias uteis das 10 horas da manhã, ás 3 da tarde, se recebem na secretaria d'esta camara propostas em carta fechada para a arrematação dos seguintes impostos municipaes a cobrar durante o proximo anno de 1908:

	Baze para as propostas
Taxas do 1.º ramo	1:350\$000
" 5.º, 6.º e 12.º ramos	115\$000
Taxas do 7.º e 8.º ramos	290\$000
Taxas do 10.º ramo	45\$000
" 13.º "	125\$000

E para constar se passou o presente e outros de igual theor que eu Joaquim Augusto Barrot Trindade, secretario da Camara subservevo.

Secretaria da Camara Municipal de Tavira, 3 de outubro de 1907.
O Presidente,
147 João Possidonio Guerreiro.

GRANDE LOTERIA DO NATAL

Extracção a 21 de Dezembro de 1907

Consta de seis mil oitocentos bilhetes e distribue a importantissima somma em premios de trezentos e oitenta contos de réis!

O cambista TESTA satisfaz na volta do correio todos os pedidos para esta Grande Loteria quando estes venham acompanhados da respectiva importancia em: sellos ou vales do correio, letras ou ordens s/Lisboa ou qualquer praça do paiz ou ainda do estrangeiro.

Todos os premios vendidos no cambista TESTA são pagos á vista sem desconto algum.

Como abaixo se vê, no plano apresentado este anno ha uma inuavação apreciavel. Todas as dezenas, isto é, todos os dez numeros seguidos tem um premio certo, garantido, que é a terminação da sorte grande.

PLANO	
1 premio de.....	200:000\$000
1 " ".....	40:000\$000
1 " ".....	10:000\$000
2 " ".....	2:000\$000
2 " ".....	1:000\$000
10 " ".....	400\$000
20 " ".....	300\$000
288 " ".....	160\$000
2 aproximações ao premio maior a..	1:000\$000
2 ditas ao segundo premio a.....	450\$000
2 ditas ao terceiro premio a.....	318\$000
679 premios a todos os numeros que terminarem na mesma unidade do premio maior a..	96\$000

1:010

PREÇOS

Bilhetes, 80\$0000 réis; meios bilhetes, 40\$000; quartos, 20\$000; ecimos, 8\$000; vigessimos, 4\$000; fracções de 2\$600, 2\$100, 1\$600, 1\$100, 550, 330, 220, 110 e 60.

Dezenas: dez numeros seguidos de 5\$400, 3\$300, 2\$200, 1\$100 e 600 réis.

Para a provincia e ultramar accresce a despeza do correio.

Dirigir todos os pedidos ao

CAMBISTA—JOSÉ RODRIGUES TESTA
74, R. do Arsenal, 78
136, R. dos Capellistas, 140
LISBOA 125

LECCIONA-SE

Promptifica-se a leccionar o 1.º, 2.º e 3.º annos dos Lyceus recebem do para isso qualquer correspondencia em sua casa, Avenida d'acesso á estação do caminho de ferro, o padre Victor Manuel Rodrigues. 105

VENDE-SE

Uma propriedade rustica no sitio de Alvesquer, freguezia da Conceição, consta de oliveiras, alfarrobeiras, figueiras, vinha e terra de semeadura. Trata-se com Maria do Rozario Fonseca, Alto de S. Braz. 144

VENDEM-SE

Duas propriedades: uma no sitio da Fonte Salgada, consta de terra de semear e matosa, oliveiras, alfarrobeiras, figueiras e casas de moradia, cabana, palheiro, chiqueiro e poço d'agua doce; outra no sitio da Balleira consta de terra de semear dura e oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras, vinha e casas de moradia, cabana, palheiro e chiqueiro. Trata-se com João Fernando Netto que vive na 2.ª propriedade da Balleira. 133

MODESTO & FIGUEIREDO

Grande deposito de adubos chimicos

Avenida Hintze Ribeiro, n.º 2—FARO

Fornecem-se adubos chimicos, simples ou preparados para todos os terrenos e em harmonia com as amostras de terra.

Direcção do agronomo Alexandre de Figueiredo e Mello.
Descontos aos revendedores. (108)

162 VENDIDOS EM 1906 PARA-RAIOS

Flammarion, de ferro oco galvanizado ponta simples de platina iridium, cabos e chapas de descarga de cobre puro, SEM MAIS DESPEZA, posto no seu logar
Franklin, ferro oco galvanizado, ponta multipla de platina-iridium, cabos e chapas de cobre de descarga, tudo cobre puro, O MELHOR QUE SE FAZ, posto no seu logar, SEM MAIS DESPEZA
Modelo da Commissão Municipal de Paris, de ferro oco galvanizado, ponta «Pouillet» cabo de ferro, ligações e chapas de descarga de cobre puro, posto no seu logar SEM MAIS DESPEZA

45\$000 réis 50\$000 réis 30\$000 réis

Montagens de telephones, campainhas electricas e pára-raios absolutamente garantidos.

G. MIRAMON & C.ª

PRAÇA D. PEDRO, 46, 47, 48—LISBOA

Casa fundada em 1845

Muito cuidado com as imitações de casas pouco sérias 86

OURIVESARIA E RELOJARIA LOPES

4 e 6, rua Tenente Valadim, 6 e 6 A

FARO

Neste estabelecimento encontra se sempre um grande e variado sortimento das ultimas novidades nacionaes e estrangeiras em objectos de ouro e prata do mais fino gosto; sendo tudo vendido por preços sem competencia.

Especialidade em CORDÕES DE OURO de fabrico esmerado e barattissimos; e objectos proprios para brindes.

Relogios de todas as qualidades em ouro, prata, e aço, tanto para homem, como para senhora; despertadores de diferentes feitios, etc.

Artigos em Prata, como centros para mezas, com crystaes; assucareiros, salvas, tinteiros, palmatorias, paiteiros, talheres, castões, colheres, e muitos outros, que é difficil enumerar.

Recebem-se encomendas e concertos, que são executados com a maxima perfeição e economia.

SEMPRE NOVIDADES

Officina de canteiro e esculptura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO (872) FARO

ANNUNCIO

A Camara Municipal do Concelho de Tavira manda annunciar que até á 4 hora da tarde do dia 17 do proximo futuro mez de outubro recebe propostas em carta fechada para o arrendamento por 2 annos, a terminar em 4 de outubro de 1909, da propriedade rustica denominada Lagoa dos Cavallos. E' base para as propostas a importancia annual de 30\$000 réis.

Pela mais alta proposta poderá a Camara abrir licitção verbal entre os concorrentes.

Secretaria da Camara Municipal do Concelho de Tavira, 26 de setembro de 1907.

O Secretario, Joaquim Augusto Barrot Trindade. 146

CASAS

Vende-se um predio de dois andares situado na rua das Portas de S. Braz, pertencente aos herdeiros de Santiago Perez Ponce.

Quem pretender dirija-se a Eduardo Aurelio Parreira Faria, em Tavira. 410

ARRENDAM-SE

Uma propriedade no sitio de Belmonte, freguezia da Luz, que consta de duas vinhas, figueiras, amendoeiras, oliveiras, alfarrobeiras, terra de semear, casa de habitação e arrecadação.

Prefere-se rendeiro que habite a propriedade. Quem pretender pode dirigir-se a Justino Augusto Ferreira, rua Nova Grande, Tavira. 131

ADUBO CHIMICO

Já chegou a primeira remessa da acreditada marca coroa Rio Tinto.

a MATHIAS PERES ROJO & IRMÃO TAVIRA 128



FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20 TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS (3)

J. T. ARCHANJO

Cereaes, farinhas, sementes, sabão, grão e Arroz

Compram-se borras d'azeite 58 a 64—R. Conselheiro Bivar, 58 a 64 FARO

VENDE-SE

Um calexe, arreios e parelha. Quem pretender dirija-se a João da Conceição Mattos. 143

AGUAS

DE

PEDRAS SALGADAS

Gazosas, bicarbonatadas sodicas, lithicas, arsenicas e ferruginosas

Usam-se no Estabelecimento Hydrologico, e fóra d'elle; a agua do PENEDO é utilissima na lithiase urica e oxalica, gotta aguda ou chronica, dermatoses arthriticas, cystite chronica, doenças do estomago e intestinos, impaldismo chronico e asthma.

A do «Penedo Novo»—nas doenças de estomagos, e especialmente na dilatação.

As nascentes José Julio Rodrigues e Grande Alcalina são de indiscutivel effeito na diabete, colicas e estados congestivos do figado e baço, gotta, doenças de estomago, etc.

Gruta Maria Pia—agua bicarbonatada ferruginosa—excelente para o tratamento da anemia, chlorose, dysmenh-rrhea, leucorrhœa, lymphatismo e nas convalescências.

D. Fernando—rica de acido carbonico. Tem applicação van-

tajossissima nas dyspepsias atonicas gastralgias, gastrites chronicas, vomitos nervosos e nas ureias phosphaticas. De sabor muito agradável, constitue tambem preciosa agua de meza.

A Agua de D. Fernando—natural—deve ser sempre preferida a todas reconhecidas artificiaes ou suspeitas de conterem acido carbonico introduzido artificialmente em dosagem incerta.

As aguas de Pedras Salgadas vendem-se em todas as drogarias, pharmacias, hotéis e restaurantes.

Deposito principal no PORTO—Rua da Cancellia Velha—31. Em LISBOA—Largo de Santo Antonio da Sé—5, 1.º. Em TAVIRA—Justino Augusto Ferreira.

O Estabelecimento Hydrologico de Pedras Salgadas, um dos mais formosos e completos do paiz, abre em 20 de maio. Excellentes hotéis—Grande Hotel e Hotel do Avellames. Caminho de ferro até Villa Real: d'este ponto em deante, carruagem e malaposta.

Em breve—Caminho de ferro até PEDRAS SALGADAS.

Estação a 250 metros do Estabelecimento. 54

HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA pela Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes. Dentes artificiaes.

Consultas gratis aos pobres ás 9 a manhã.

Rua 1.º de Dezembro, 20 42 FARO

VENDE-SE

Uma espingarda de 2 canos de fogo central de calibre 12. Quem pretender dirija-se a José Pedro Maldonado, Tavira. 141

CASA

Vende-se uma na rua d'Alegria que se compõe de 12 compartimentos no alto, 2 armazens nos baixos, quintal, poço d'agua, duas varandas, tendo frente para a dita rua d'Alegria e para a Praça da Lagoa.

Quem pretender deverá dirigir a sua proposta em carta fechada á redacção d'este jornal. 134

LAGAR

Arrenda se para o fabrico da novidade pendente o Lagar da Bella Fria com todos os seus pertences, excepto capachas.

Recebem-se para este fim propostas em carta fechada até ao ultimo dia do corrente mez em casa de Francisco José Marques Freire, nesta cidade. 139